



ALEXANDER VON HUMBOLDT: DA ALEMANHA PARA O MUNDO – RETRATOS DE UM VIAJANTE

*Viagem às regiões equinociais do Novo Continente
nos anos de 1799, 1800, 1801, 1802, 1803, 1804
Relação histórica*

Introdução

1 Já passaram doze anos desde que parti da Europa para atravessar o interior do
Novo Continente. Interessado, desde a minha juventude, no estudo da Natureza, receptivo à
beleza selvagem de um solo coberto de montanhas e de florestas ancestrais, encontrei
nesta viagem suficientes alegrias que me compensaram das privações que estão ligadas a
5 uma vida laboriosa e quantas vezes incerta. [...] Há muito tempo já que me andava a
preparar para as observações que viriam a constituir o principal objectivo da minha viagem
pela zona tórrida. Muni-me de instrumentos de utilização rápida e fácil, concebidos pelos
mais excelentes mestres; gozei da protecção especial de um governo que, longe de colocar
entraves às minhas explorações, demonstrou sempre interesse e confiança; finalmente,
10 recebi também o apoio de um amigo corajoso e sabedor – felicidade rara para o sucesso de
um empreendimento comum –, cujo zelo e constância de carácter nunca sofreram qualquer
abalo no meio das canseiras e dos perigos com que por vezes tivemos de nos confrontar.
Foi desta maneira, e sob tão favoráveis condições, que percorremos regiões as quais, há
séculos, eram quase desconhecidas dos povos europeus e, diria mesmo, da própria Espanha.
15 [...]

Durante a viagem, da qual dou hoje à estampa a relação histórica, tive em vista um

LEITURAS CRUZADAS: CONVERSAS LITERÁRIAS NA BIBLIOTECA 15.03.2018 – COM GABRIELA FRAGOSO

duplo objectivo: desejava conhecer as terras a visitar e coligir factos característicos que lançassem luz sobre uma ciência que ainda mal foi delineada e que designamos, de forma bastante vaga, por física da terra, teoria da terra ou geografia física. [...] Eu gostava apaixonadamente de botânica e de alguns ramos da zoologia e regozijava-me com a ideia de as nossas investigações poderem vir a adicionar novas espécies às espécies já conhecidas.

Missões dos índios chaimas

25 No início do século XVI os infelizes índios que habitam as regiões costeiras de Carúpano, Macarapán e Caracas sofreram o mesmo tratamento que afectou, na nossa época, os habitantes das costas da Guiné. Cultivou-se o solo das Antilhas, as plantas do Velho Mundo foram transplantadas para lá, mas a *tierra firme* manteve-se, durante muito tempo, afastada de um sistema regular de colonização. Quando os espanhóis visitavam a costa, era apenas para fazerem trocas comerciais ou para se apoderarem violentamente de escravos, pérolas, grãos de ouro e madeiras para corantes. Pensava-se poder enobrecer, através do zelo religioso, os motivos da ambição insaciável, pois cada século tem as suas sombras e o seu carácter próprio.

O tráfico escravagista dos nativos cor de cobre foi feito com a mesma crueldade desumana que afectou os negros africanos; e em ambos os casos, as consequências foram idênticas: vencedores e vencidos embruteceram. As guerras entre nativos tornaram-se mais frequentes a partir daí; os prisioneiros de guerra eram levados do interior para o litoral para serem vendidos aos brancos que os punham a ferros nos seus navios. Ainda assim, nessa época, e durante muito tempo, os Espanhóis foram um dos povos mais cultos da Europa.

[...]

Quando um viajante, saído recentemente da Europa, entra pela primeira vez nas florestas da América do Sul, depara-se com uma natureza de configuração surpreendente. O enquadramento é pouco adequado a lembrar-lhe as descrições das margens do Mississipi, da Florida e de outras regiões temperadas do Novo Mundo, elaboradas por escritores

LEITURAS CRUZADAS: CONVERSAS LITERÁRIAS NA BIBLIOTECA 15.03.2018 – COM GABRIELA FRAGOSO

famosos. A cada passo ele sente que não está na fronteira da zona tórrida, mas sim no seu centro, que não está numa ilha das Antilhas, mas sim num continente imenso, onde tudo parece gigantesco: montanhas, rios, vegetação. Se for sensível às belezas paisagísticas, terá dificuldade em exprimir os sentimentos que o assaltam. Não sabe o que o fascina mais e o
50 que mais estimula o seu assombro: se a serena calma do isolamento, se a beleza individual e o contraste de formas, se a pujança e o viço do mundo vegetal característicos do clima das zonas tropicais. Quase estaríamos tentados a dizer que o solo coberto de plantas não lhes dá espaço suficiente para se desenvolverem. Por todo o lado os troncos das árvores estão revestidos de um espesso tapete verde; quem quisesse transplantar orquídeas,
55 *piperaceae* e *pothos* que uma única figueira americana (*Ficus gigantea*) alimenta, poderia cobrir com eles uma grande extensão de terreno. Estes curiosos agrupamentos vegetais fazem com que as florestas, bem como as encostas dos montes e os penhascos, tornem mais amplo o âmbito da natureza orgânica. As mesmas lianas que rastejam pelo solo, também trepam às copas das árvores e estendem as suas gavinhas de umas para as outras, a cem
60 pés de altura. Estes variados entrelaçamentos das plantas parasitas não raras vezes fazem os botânicos correr o risco de confundir flores, frutos e folhas pertencentes a espécies distintas.

[...]

Nada se compara à sensação de sublime serenidade que a contemplação do céu estrelado
65 confere ao isolamento deste lugar. Quando, ao cair da noite, os nossos olhos abarcam estas pradarias limitadas pelo horizonte, as planícies suavemente onduladas e cobertas de erva, pensamos ver lá ao longe, tal como nas estepes do Orinoco, o céu estrelado apoiando-se na superfície do oceano. A árvore a cuja sombra nos sentamos, os insectos fluorescentes esvoaçando, as constelações brilhando a sul, tudo parece recordar-nos a pátria distante. E
70 quando, no meio desta natureza exótica, se ouve o chocalho de uma vaca ou o bramido de um touro subindo do fundo do vale, é então que a recordação da pátria desperta. É como se vozes distantes, soando para lá do mar, nos transplantassem de um hemisfério para outro por meio do seu feitiço. Que maravilhosa parece ser a flexibilidade da fantasia humana enquanto fonte inesgotável de alegrias e dores!

LEITURAS CRUZADAS: CONVERSAS LITERÁRIAS NA BIBLIOTECA 15.03.2018 – COM GABRIELA FRAGOSO

75 [...]

É com relutância que utilizo a palavra «selvagens», pois ela insinua uma diferença cultural – que é muitas vezes desmentida pela observação – entre o índio que vive subjugado nas missões e o índio livre e independente. As florestas do sul da América são habitadas por tribos de índios nativos que vivem pacificamente em aldeias, que obedecem aos seus chefes e que utilizam grandes extensões de terreno para plantar banana, mandioca e o algodão com que tecem as suas redes. Pouco mais bárbaros são do que os índios nus das missões a quem ensinaram a fazer o sinal da cruz. Considerar como caçador não sedentário todo o índio que ainda não foi subjugado é um erro bastante disseminado na Europa. A agricultura já existia na *tierra firme* muito antes da chegada dos europeus; e ainda existe entre o Orinoco e o rio Amazonas, em clareiras onde nunca os missionários puseram pé. O que se tem de agradecer às missões é a maior dedicação à propriedade e ao domicílio fixo, bem como a inclinação crescente por uma vida mais amena e pacífica. Só que esta evolução acontece devagar, muitas vezes impercetivelmente, devido ao total isolamento em que os índios são mantidos; é inevitável que surjam ideias completamente falsas sobre o verdadeiro estado dos povos sul-americanos quando se coloca num mesmo plano de equivalência as designações de cristãos, súbditos e civilizados, ou de pagãos, selvagens e independentes. Frequentemente o índio subjugado tem tão pouco de cristão quanto o índio livre tem de idólatra. Tanto um como outro, ocupados que estão com as necessidades do momento, mostram uma indiferença absoluta por opiniões religiosas e uma secreta predileção pelo culto da natureza e das suas forças.

LEITURAS CRUZADAS: CONVERSAS LITERÁRIAS NA BIBLIOTECA 15.03.2018 – COM GABRIELA FRAGOSO

Kosmos. Esboço de uma descrição física do universo
(1845-1847)

“Descrição da natureza. Sentimento da natureza de acordo com a diversidade de épocas e de povos”

1 [...]

A fidelidade individual à natureza, que tem a sua origem na contemplação de cada um de nós, adquire especial fulgor na grande epopeia nacional da literatura portuguesa. Há como que um aroma a flores da Índia pairando sobre todo aquele poema, escrito sob o céu dos trópicos (em Macau, numa gruta escavada na rocha, e nas Molucas). Não me compete a mim corroborar uma ousada afirmação de Friedrich Schlegel, segundo a qual *Os Lusíadas* de Camões «ultrapassam em muito o Ariosto quanto à cor e à riqueza de fantasia», mas, enquanto observador da natureza, é-me com certeza permitido acrescentar que nas sequências descritivas d'*Os Lusíadas* o entusiasmo do poeta, o ornamento retórico e os doces sons melancólicos nunca são obstáculo à exactidão posta na apresentação dos fenómenos do mundo físico. Pelo contrário, e como acontece sempre que a arte brota de fonte límpida, antes reforçam a vivacidade das impressões deixadas pela grandiosidade e pela veracidade das imagens da natureza. Em Camões são inimitáveis as descrições do eterno movimento entre atmosfera e mar, entre as camadas de nuvens de tão variadas formas, os seus processos meteorológicos e os diversos estados em que se apresenta a superfície dos oceanos. Esta, ora nos surge encrespada por suaves brisas, com pequenas vagas brilhando, cintilantes, no jogo dos raios de luz, ora enquanto terrível procela por ocasião da luta de Coelho e de Paulo da Gama contra a fúria desmedida dos elementos. Camões é um grande pintor dos mares na verdadeira acepção do termo. [...] Descreve o fogo eléctrico de Santelmo (Castor e Pólux dos navegadores da antiga Grécia), «o lume vivo que a marítima gente tem por Santo»; descreve a ameaçadora tromba-d'água na sua gradual evolução: «como o vapor, urdido a partir do seu próprio fumo rodopia sobre si próprio, deixando cair um delgado cano que chupa sequiosamente as águas; e como, depois de a

LEITURAS CRUZADAS: CONVERSAS LITERÁRIAS NA BIBLIOTECA
15.03.2018 – COM GABRIELA FRAGOSO

25 nuvem espessa se ter saciado, o pé que tem no mar é recolhido e voa, chovendo, para o céu, devolvendo às ondas, em forma de água doce, o que a tromba impetuosa lhes tirara». Os sábios na escritura, diz o poeta (e quase se poderia afirmar que está também a troçar da nossa época), que tentem «explicar os segredos deste mundo», já que, dirigidos apenas pelo intelecto e pela ciência, gostam de considerar errado o que se ouve contar da boca dos marinheiros que têm a experiência como único guia.